



# Comunica Ação Espírita

Órgão de difusão da Associação de Divulgadores do  
Espiritismo do Estado do Paraná

Site: [www.adepr.org.br](http://www.adepr.org.br) - Redação: [adepr@adepr.org.br](mailto:adepr@adepr.org.br)

“O Espiritismo será o que dele fizerem os homens.”- Léon Denis

Assinatura Anual: R\$ 30,00 Ano XXVIII Curitiba - Setembro / Outubro de 2024 Nº 165  
Assine e Recomende!

## Outras matérias

### Generosos e abnegados: quem são?

Você é um deles? Vamos à prova. Generosos os encontramos muitos, mas nem todos são abnegados. A virtude de ambos pressupõe desprendimento, dedicação e altruísmo. Porém, não basta a inclinação da generosidade para prestar o auxílio. Faz-se necessária a constância, a continuidade do ato de doar que vem pela abnegação. (Convite, pág. 2).

### Ignorância e sabedoria, ilustres e bons, consciência

Nesta edição um passeio pela sabedoria de grandes luminares da Humanidade. Aliás, sabedoria em oposição à ignorância é o que encontramos em Sócrates. De Confúcio a impossibilidade de todos serem ilustres, mas não de serem bons. E Pascal e Aristóteles falam de vontade e consciência. (Trocando em Miúdos, pág. 6).

### Uma palavra aqui, outra ali ...

O bem nos aproxima de Deus e o mal nos afasta dele. O erro é o mal. Então por que persistir nele? Promover escândalos é erro, portanto, mal. Denunciar injustiças ou a mentira, por exemplo, é dever. Planejar e sonhar com um futuro feliz depende da construção no presente com mais acertos e menos erros. (Conexões e Reflexões de A a Z, pág. 7)..

## Diálogo Espírita nº 600 estreia novo quadro

E atingimos mais uma expressiva marca com o programa televisivo *Diálogo Espírita*: no dia 21 de setembro, onze anos e meio após entrar no ar pela primeira vez, agora chegamos ao de número 600.

E para destacar a data, a produção resolveu promover a estreia de um novo quadro. **Pensar, Aprender e Viver!** pretende provocar, em um primeiro momento, a reflexão sobre alguns dos muitos aforismos afixados em livros ou que se tornaram célebres ao serem proferidos em discursos e conferências. A ideia básica é a mesma que empregamos na seção “Trocando em Miúdos” aqui no jornal.

Tais frases ditas por sábios antigos e grandes vultos da humanidade de todos os tempos são frequentemente repetidos aqui e acolá. Admiramos o jogo de palavras ou o impacto de racionalidade ou emoção que eles contêm, mas nem sempre emprestamos a devida atenção e tempo para examiná-los em profundidade.

Perdemos assim a oportunidade de extrair tudo o que estas assertivas podem nos oferecer. Recomendações de conduta, valorização de tudo que envolve a vida humana, a importância das virtudes e necessidade de extirpar os vícios. Falamos da vida e da morte, do bem e do mal, do presente, passado e futuro, do concreto e do abstrato.



Enfim, os aforismos, construídos, possivelmente, muitos deles no silêncio de longas meditações ou, talvez, fruto de experiências felizes ou dolorosas, estão aí para **aprendermos** com eles. E aí chegamos ao segundo estágio do processo, o qual, se seguirmos em frente, culminará com a incorporação dos ensinamentos positivos em nosso **viver** diário e a eliminação das arestas de caráter que nos infelicitam.

Fica mais uma vez o nosso convite para assistirem ao nosso *Diálogo Espírita* na capital e Região Metropolitana pelo canal 5 da *Claro*, todos os sábados, às vinte horas, e para os demais pelo *YouTube*, acessando através do *site* da ADE-PR ou buscando pelo nome do programa e acrescentando “Paraná”.

### A exuberante literatura espírita

O Brasil é o maior país espírita do mundo e a sua produção literária atende perfeitamente a demanda. Para além das chamadas Obras Básicas e dos grandes clássicos, há livros para todos os gostos, mediúnicos ou não.

Algumas questões, porém, preocupam o Movimento, como em relação à qualidade com alguns deles apresentando distorções doutrinárias. Como lidar com este problema? Quem pode solucioná-lo? (Palavras dos Espíritos e dos espíritos, pág. 4 & 5).

### A religiosidade dos cientistas durante a Covid-19

Sabemos que entre os homens de ciência predomina o ceticismo religioso. Acostumados a trabalhar com fatos concretos, duvidam do existir da alma, de sua sobrevivência e até de Deus.

O resumo de um estudo sobre o efeito neles da pandemia pode indicar ou confirmar que a dor e os riscos de morte podem despertar a fé, dobrando um pouco o orgulho e a indiferença. (Lentes Especiais, pág. 8).

### O aborto é a maior causa de mortes no mundo

Talvez a informação surpreenda porque não estamos habituados à ideia de considerar a interrupção da gravidez como causa do fim de uma vida. Segundo o *Worldometer*, pelo sexto ano consecutivo, 2024 tem apresentado esta trágica estatística, superando de longe os óbitos por câncer, doenças cardiovasculares e infecciosas. Em 2023 foram quase 45 milhões de abortos. (Editorial, pág. 2).



## Aborto: a maior causa de mortes no mundo

Infelizmente, talvez em algum tempo, tenhamos que nos render diante de uma legislação humana que avança pelo mundo descriminalizadora do aborto, mas nos cabe o dever de manter nossos princípios morais inalteráveis agindo com consciência e nos tornando porta-vozes do NÃO para o maior número de pessoas possível.

Informar tecnicamente, esclarecer espiritualmente e apoiar física, emocional e socialmente as mulheres, é o que nos restará fazer. Mas, por enquanto, lutemos tanto quanto estiver em nossas possibilidades para que este pesadelo espiritual não se estabeleça entre nós.

Uma matéria jornalística no dia 19 de fevereiro passado deu conta de que, pelo sexto ano consecutivo, no início de 2024, segundo o *Worldometer*, o aborto foi a principal causa de morte no mundo.

Em 2023 foram 44,6 milhões contra 12,9 milhões de óbitos causados por doenças infecciosas; 1,6 milhão por AIDS; 2,4 milhões em decorrência do alcoolismo; 1,3 milhão em acidentes de trânsito; um milhão por suicídio e 17,7 milhões, estes todos os anos, por problemas cardiovasculares.

O *Worldometer.info* é um *site* que fornece contagem e estatísticas em tempo real sobre os mais variados assuntos: coronavírus, venda de celulares, e-mails enviados, novos títulos de livros publicados, suicídios etc.

Pois bem, no dia 13 de setembro, fizemos uma nova consulta especificamente sobre o que nos interessa agora, o número de abortos: 31.616.802 (às 14:18 horas). Por câncer haviam morrido 5.773.076 e por suicídio 753.782.

Recentemente o direito ao aborto teve aprovação para constar na Constituição Francesa, o primeiro país do mundo a fazer isso, o que provocou efusivas comemorações em todo o país; até a Torre Eiffel recebeu iluminação especial e teve projetada em sua estrutura a frase “Meu corpo, minha escolha”.

Os primeiros questionamentos sobre a proibição da prática do aborto são do início do século passado. A partir da Revolução Russa em 1917, lá o aborto deixou de ser crime. Mas foi só em 1968, que o estado norte-americano do Colorado aprovou a primeira lei que permitiu o aborto.

Aqui no Brasil, estes mesmos questionamentos começaram praticamente junto com a Constituição de 1988 e desde, então, as feministas e os segmentos da esquerda no espectro político não têm cessado as investidas para a sua liberação cada vez mais ampla, não ocultando o sonho de permiti-lo em qualquer fase da gestação.

A Doutrina Espírita é radicalmente contra o aborto, exceto quando está em risco a vida da mãe.

Mas o objetivo nosso aqui não é somente defender um princípio religioso ou moral ou mesmo de ética filosófica. Não temos a intenção nem o direito de condenar quem quer que seja, mas nos move o desejo de esclari-

recer sobre as graves consequências espirituais deste tipo de ato.

Se no seio da sua família, de algum parente, amigo, colega de trabalho ou um vizinho prenunciarem este tipo de situação, tenhamos condições de levar estas informações e evitar tal tipo de assassinato.

Sim, este é o termo apropriado; não há outro. Quem já leu detalhes de como é feito um aborto ou assistido a algum vídeo sabe bem que isso é verdadeiro. Muito pior agora com a liminar do Supremo Tribunal Federal que anulou uma recomendação do Conselho Federal de Medicina que proibia a interrupção da gravidez após a 22ª semana de gestação.

Nestes casos deparamo-nos com a crueldade extrema na prática do feticídio através da assistolia, método condenado pelo Conselho Federal de Veterinária quando da necessidade de eutanásia em animais.

Não só a ideia da interrupção voluntária da gravidez repugna à razão e agride a dignidade e a natureza de seres humanos que somos, mas também e, principalmente, porque Deus estabeleceu a determinação do “Não matarás”.

## Generosos abnegados

Quem são? Você é um deles? Vamos à prova. Generosos os encontramos muitos, mas nem todos são abnegados. A virtude de ambos pressupõe desprendimento, dedicação e altruísmo. Porém, não basta a inclinação da generosidade para prestar o auxílio. Faz-se necessário a constância, a continuidade do ato de doar que vem pela abnegação.

Generosos e talvez abnegados não são somente os que agem em relação ao auxílio material por mais necessário, valioso e meritório. O Evangelho nos fala, também, da caridade moral que atua em diversas áreas, entre elas a dos sentimentos e o espírito de Emmanuel nos lembra que a maior caridade que podemos fazer pela Doutrina Espírita é a sua própria divulgação.

Agora **faça o teste respondendo às perguntas** abaixo e veja se você consegue ser um generoso abnegado. Primeira: você poderia indicar cinco, ou ao menos, três pessoas que potencialmente possam se tornar sócios do Clube do Livro de Curitiba? **Você sabia** que este departamento da ADE-PR é uma das fontes de receitas que permitem a circulação deste jornal há 26 anos e a veiculação na TV do programa Diálogo Espírita há 11 onze anos?

Talvez você que nos lê nem conheça o nosso Clube do Livro. Então, aderindo a ele - que já funciona há 29 anos -, **você ganha, ganha e ganha**. Ganha a primeira vez porque terá acesso ao melhor da literatura espírita, com preços especiais e recebendo em seu domicílio.

**Ganha uma segunda vez** porque estará ajudando diretamente na importantíssima tarefa da disseminação do conhecimento espírita, principalmente para muita gente que ignora completamente o que ele seja. E **ganha, por fim**, por ajudar financeiramente na manutenção das nossas atividades.

**E se a sua generosidade e abnegação forem um pouco além?** Esta é a segunda pergunta que fazemos a você. Não poderia - ou seria pedir demais, colocando exageradamente à prova as duas qualidades citadas? - tornar-se um colaborador direto do programa de TV com R\$50,00 mensais?

Para a realização do nosso trabalho não contamos com a ajuda de ninguém, nem governo, nem ONGs, nem federativa. Nossos recursos são somente aqueles provenientes das contribuições dos Associados, do Clube do Livro, algo das assinaturas e anúncios deste jornal e - para o *Diálogo Espírita* - em maior parte de colaboradores individuais.

Muito bem! Agora que você já sabe se pode ser enquadrado no time dos “**Generosos abnegados**” da ADE-PR, vá até a página seguinte onde estamos disponibilizando informações complementares para tornar prática a sua adesão. Muito obrigado!



ADE - PR

### EXPEDIENTE

#### Jornal COMUNICAÇÃO ESPÍRITA

Órgão de divulgação da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Estado do Paraná (ADE-PR)

Editor  
Wilson Czernski

Jornalista Responsável  
Ricardo A. Dias - DRT-PR 5504

Diagramador  
Aparecido José Orlando

Endereço para Correspondência  
Rua João Soares Barcelos, 2715 / B-6  
Boqueirão - Curitiba - PR  
81670-080

Tiragem desta Edição  
600 exemplares

Impressão  
Folha de Londrina



Relembramos a partir de agora as principais informações veiculadas neste jornal na edição de número 105, correspondente ao bimestre julho-agosto de 2014. E a chamada de maior destaque foi “Instituto americano prevê descoberta de vida alienígena em 20 anos”. Três anos antes o astrônomo Seth Shestak havia previsto que até 2015/2030 encontraríamos vida extraterrestre.

Vários outros dados científicos foram acrescentados à matéria, corroborando, de certa forma, ao que nos trazem os Espíritos da Codificação como, por exemplo, a questão 55 de “O Livro dos Espíritos” e os itens 16 e 61 do capítulo VI de “A Gênese”.

Tempos alvissareiros aqueles. Nosso **Editorial** trouxe por título “Amizade e cooperação entre a FEP e Especializadas”. Fazia menção à quarta reunião realizada entre a federativa paranaense e as entidades especializadas como a AME-PR, ADE-PR e Cruzada dos Militares cujos objetivos eram “o estreitamento dos laços de amizade, troca de ideias e a cooperação mútua no estudo, debates e iniciativas de divulgação e prática da Doutrina Espírita”.

Ao defender que o Movimento Espírita do Paraná se fizesse presente em relação aos temas polêmicos e de grande impacto social, a ADE-PR cita como exemplos a redução da maioria penal, a doação de órgãos para transplantes, a ortotanásia, uniões homoafetivas, educação no trânsito, descriminalização das drogas, gravidez precoce, congelamento de embriões e a violência.

Infelizmente, aquela foi uma das últimas reuniões desse tipo e, sem qualquer justificativa, elas deixaram de ser realizadas. Consequentemente, boas ideias se perderam e perderam, também, os espíritos e o público em geral que seguem, como se vê, a braços com os mesmíssimos problemas, além de outros, sem que haja uma discussão mais ampla sobre eles.

O que pensam os espíritos a respeito destes problemas? Como se posicionam nossas lideranças? Em que poderíamos nós contribuir para a busca de solução deles? Concordamos com tudo o que está acontecendo? Ou tememos nos manifestar para não desagradar a este ou aquele? Espírito de fraternidade ou omissão?

Na página 4 tivemos a seção **Traços Biográficos** a propósito do centenário de nascimento do filósofo, jornalista, radialista e escritor espírita Herculano Pires. Vale reproduzir aqui uma de suas críticas mais contundentes dirigida ao Movimento Espírita, constante de sua obra “O Centro Espírita”.

*A finalidade do Espiritismo – escreveu – não é a salvação individual, mas a transformação total do mundo... Chega de pieguice religiosa, de palestras sem fim sobre a fraternidade impossível no meio de lobos vestidos de ovelhas. Chega de caridade interesseira, de imprensa condicionada à crença simplória, de falas emotivas que não passam de chantagem emocional... Não façamos do Espiritismo uma ciência de gigantes em mãos de pigmeus...*

Na página 5, em **Livros que eu recomendo**, a obra em apreciação foi “Os espíritos comunicam-se na Igreja Católica”, trabalho de excelente conteúdo sobre a presença da mediunidade no seio da maior religião do Ocidente, principalmente nos últimos três ou quatro séculos, de autoria de Paulo Neto.

Reproduzimos aqui, a título de ilustração, o penúltimo parágrafo da

matéria do CAE. *O padre Agostino Gemelli, fundador e reitor da universidade de Milão, gravou a voz do próprio pai e de outros padres falecidos. O suíço Léo Schimidt, em 12 anos, gravou 12 mil vozes de espíritos. Notícias publicadas no livro “Os enigmas do Vaticano”, de Alfredo Lissoni, dão conta de que desde 1970 o Vaticano possui o seu “FBI” para esses assuntos e pesquisas. Na Pontifícia Universidade Latoranense, o padre Andréas Rech, docente, até participou de sessões espíritas quando registrou o rastro magnético do químico francês Henry Saintre Claire Deville, morto em 1881.*

Da página 6, da seção **O que dizem os outros jornais** pinçamos duas notas. A primeira, do jornal “Mundo Espírita”, sobre os 15 anos da campanha “Vida, sim à gravidez” da Associação Médio-Espírita do Paraná. E a segunda, da “Revista Internacional de Espiritismo”, edição de julho de 2004, quando o médico Francisco Cajazeiras critica os movimentos que já então tentavam descriminalizar o uso da maconha.

Dez anos depois e hoje sabemos bem como andam esses dois assuntos.

Na última página da edição 105 do CAE, duas notícias de relevante importância. A primeira delas informava que Wilson Czerski, então presidente da ADE-PR, havia participado do VI Fórum Nacional Espírita promovido pelo Instituto Galileo Galilei. O evento fora realizado nos dias 06, 07 e 08 de setembro nas dependências da UNINTER, na capital do Estado.

Temas de grande interesse foram abordados: “Os campos morfogenéticos”; “Tragédias coletivas: resgate ou omissão?”; “Religião espírita: uma ferramenta evolutiva”; “Poltergeist: o dilema da Parapsicologia”; “Cosmovisão do espírito no universo”; “Obsessão: realidade ou mito?”; “A alma dos animais”; “Estou vendo espíritos? Ectoplasma e ideoplastia”; “A hora do apocalipse”; “Sintonia e frequência”.

Coube ao nosso editor Wilson Czerski encerrar a jornada com o tema “Os talentos da parábola do Cristo sob a ótica da modernidade”.

A segunda notícia foi a respeito da entrevista que Maria Helena Marcon concedeu ao programa de TV *Diálogo Espírita*, da ADE-PR.

### Informações aos “Generosos abnegados”

**Contato:** [adepr@adepr.org.br](mailto:adepr@adepr.org.br) Tel. (41) 3278-0961

Celular/whatsapp: (41) 98777-2201

**Site:** [www.adepr.org.br](http://www.adepr.org.br)

**Sócio do Clube do Livro Espírita de Curitiba (CLEC):** semestralidade: R\$ 90,00 (bimestral; três livros selecionados pela direção (ou à sua escolha, sujeito a pagamento complementar caso o valor ultrapasse o pago na semestralidade);

**Colaborador “Fundo Programa de TV” *Diálogo Espírita*:**

R\$ 50,00 mensais.

**Associado-Efetivo:** anuidade R\$ 240,00

**Anúncio aqui no jornal:** R\$ 50,00 por edição;

**Assinatura anual do jornal:** R\$ 30,00;

**Dados Bancários:** Banco do Brasil Ag. 2823-1 conta: 205.755-7

CNPJ: 01.470.216/0001-83 (serve para completar os dados que permitem PIX, mas não é chave).



A lembrança de que 29 de outubro é o Dia Nacional do Livro – e estamos agora deixando às mãos dos nossos leitores a edição do bimestre setembro-outubro –, inspirou-nos a escrever sobre a literatura espírita, embora a data específica do nosso segmento seja 18 de abril.

Na exposição que ora iniciamos e certamente se alongará, pelo menos, até a próxima edição, como sempre temos feito ao usar deste espaço, pretendemos oferecer uma visão panorâmica de alguns dos diversos aspectos que envolvem o livro espírita, seja diretamente através deles ou debatidos na nossa imprensa, bem como alguns complementos que a ela se referem e encontrados, por exemplo, em livros de autores não espíritas ou noticiados na imprensa leiga.

Para tanto renunciamos às nossas próprias ideias, apesar de termos já tentado contribuir com esse trabalho através de quatro livros e centenas de artigos publicados aqui mesmo no CAE e em muitos outros periódicos do nosso Movimento e, também, não espíritas.

Portanto, mantida a nossa isenção quanto às opiniões emitidas, esperamos estar oferecendo ao nosso leitor uma visão panorâmica sobre a literatura espírita, a partir do que os outros nos falam, isso a despeito de que permaneceremos distantes de análises mais profundas ou mesmo de contemplar todos os aspectos relevantes que envolvem a temática.

Feito este preâmbulo, adentramos ao assunto propriamente dito e começamos por aquele que julgamos como o mais importante de todos os aspectos tratados, o da qualidade do que é publicado em nome do Espiritismo. Tão delicado é o tema que de há muito tem provocado polêmicas e reações diferentes a cada manifestação sobre ele.

Com a palavra, o mestre Allan Kardec. Na “Revista Espírita”, janeiro/1861, pág. 51, ele aconselha a leitura do livro de um contraditor (Figner) que em nome da ciência, tudo desacreditava do Espiritismo. O Codificador é enfático: *proibir um livro é provar que o temos*.

Em *O Livro dos Médiuns*, publicado poucos meses depois, no item 35, parágrafo 4º, referindo-se aos desejosos de conhecer a nova ciência espírita, encontramos: (...) *devem ler necessariamente tudo o que foi escrito a respeito, ou pelo menos o principal, não se limitando a um único autor. Devem mesmo ler o pró e o contra, as críticas como as apologias, inteirar-se dos diferentes sistemas, a fim de poderem julgar por comparação*.

Na edição de maio de 1866, pág. 110, sobre comunicação mediúmica e literatura ele recomenda *não rejeitar tudo, mas escolher, arrancar o joio sem arrancar o bom grão; os maiores gênios não têm coisas fracas?*

Mais uma vez, Kardec expressa sua opinião a respeito de como deve proceder o estudioso espírita em relação aos assuntos desenvolvidos dentro e fora da doutrina, mas em relação com ela. Estamos falando da edição de agosto de 1867.

Na pág. 229 ele transcreve e comenta trechos de um folhetim (“Fernanda”) e inicia-o como novo exemplo de bom senso e como isto pode ensinar muitos, para comparação com o que os Espíritos ensinam. Elogia os bons trechos e critica os com erros, mas não deixa de os comentar.

Mais uma vez o assunto merece a atenção do Codificador, logo na edição seguinte a partir da página 285 até 291. Vejamos. Primeiro transcreve trechos do livro “Reflexões sérias e importantes de Robinson Crusó”, de Daniel de Foë, publicado em 1787 e já mencionado na edição de março/1866. Surpreende Kardec pela incrível antecipação que esta obra faz das ideias espíritas sobre a comunicação com os espíritos, inspirações boas e más, conduta moral etc. É o terceiro volume de “Viagens imaginárias, sonhos, visões e romances cabalísticos”.

Na última página desta exposição, Kardec coloca uma observação.

Diz ele que o espírito de Daniel de Föe: *Numa segunda comunicação dada na Sociedade de Paris..., dizendo que pertencia à seita dos teósofos*.

Janeiro de 1868 e Kardec é categórico na Revue, à página 13: *Lede tudo, pró e contra e escolhei com conhecimento de causa*. Em julho do mesmo ano, pág. 214 e 215, reproduz e comenta o texto de um jornal leigo sobre o sucesso de uma opereta “O Elixir de Cornélio” que tratava da reencarnação e depois da peça “O galo de Mycille”, envolvendo o conceito da metempsicose.

Tomado de gosto pela coisa, digamos assim, na página seguinte, Kardec comenta sobre o livro “Monte Cristo”, de Alexandre Dumas, com referências sobre seres invisíveis e desdobramentos.

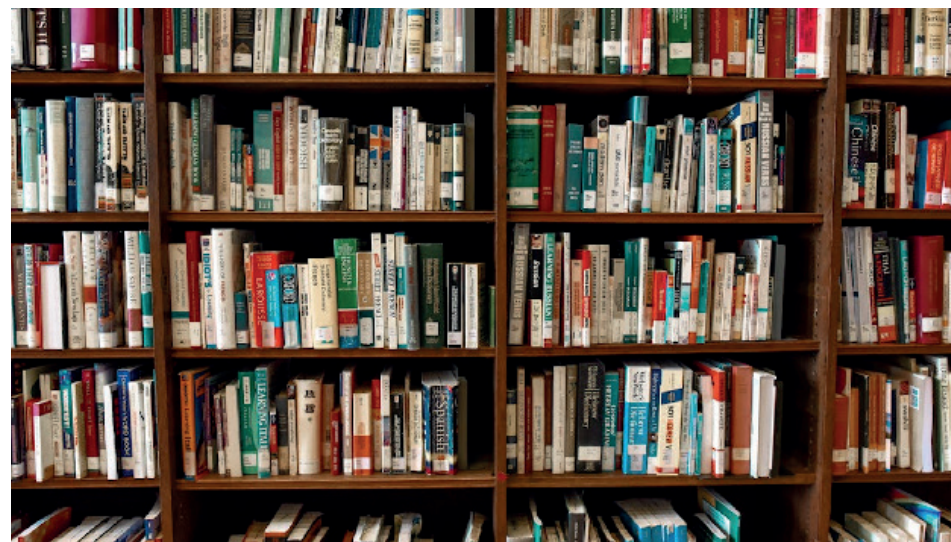
Ainda no mesmo ano, mês de novembro, pág. 325/329, Kardec aproveita-se de extratos de um livro em língua inglesa, mas publicado na Bélgica e enviados a Paris por um correspondente da Sociedade. A referida obra na 5ª edição em 1753, escrita pela Sra. Rowe, falava da imortalidade, do corpo espiritual etc. Viera a público um século antes da Codificação e Kardec conclui: *caiu no esquecimento porque a humanidade não estava madura para receber tais ideias*.

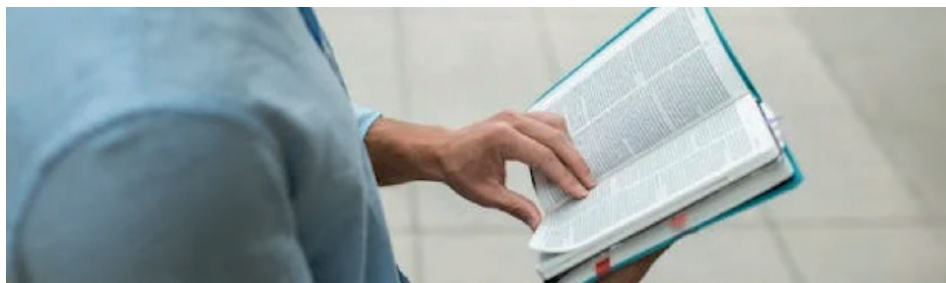
Na pág. 348, menção a outro livro (de 1845) que já falava sobre perispírito, reencarnação e não às penas eternas. Mas só de encarnado; não de espírito.

E tem mais: Revista Espírita, edição de dezembro de 1868, pág. 394 e agora uma contribuição das mais expressivas ao assunto. No último parágrafo de um “Aviso” que fechava a edição, Kardec comunica a próxima publicação de um “... catálogo com obras que possam interessar à Doutrina: as publicadas em vista do Espiritismo e as publicadas fora do Espiritismo e em diversas épocas, que tenham afinidade de princípios com as crenças novas. Será um guia para a formação das bibliotecas espíritas”. Pouco antes, na pág. 386, ele já dizia que a biblioteca do comitê central deveria conter obras de interesse da Doutrina e não só as espíritas.

Tal ideia só iria se concretizar no mês seguinte à desencarnação de Allan Kardec, no mês de abril de 1869, com o título “Catálogo Racional das Obras para se fundar uma Biblioteca Espírita”, contendo 60 páginas e que deveria ser lida por todos os espíritas e, aliás, está disponível da internet para download.

No índice do referido opúsculo nos defrontamos com os gêneros de obras que o Codificador julgava necessárias estar presentes em uma biblioteca espírita. Naturalmente, hoje os tempos são outros e o número só de livros que compõem a literatura espírita torna praticamente impossível as possuir todas. De qualquer forma, vale como ponto de partida e,





principalmente, a visão que ele, Kardec, tinha a respeito.

Obras Fundamentais da Doutrina Espírita (as da Codificação); Obras Diversas sobre o Espiritismo: Poesia, Música, Desenhos; Obras Realizadas Fora do Espiritismo:

Filosofia e História, Refutação das doutrinas materialistas, Concordância com os princípios do Espiritismo, Romances, Teatro, Ciências, Magnetismo, Obras contra o Espiritismo.

Ainda proveniente do Codificador, em “Obras Póstumas” (pág. 309, Edicel), encontramos: *Como nada é perfeito neste mundo, mesmo as melhores coisas têm seus inconvenientes. Se se rejeitar tudo o que não fosse isento deles, não haveria o que aproveitar. Em tudo, é preciso pesar as vantagens e desvantagens e é evidente que no caso, as primeiras são em maior número.*

Passemos agora a informações, opiniões e recomendações de outras pessoas sobre como administrar esta questão de manutenção da qualidade da literatura espírita, especialmente, de um lado, quanto à forma de fazê-lo, quem pode ou deve fazê-lo; e de outro, principalmente, o zelo em relação à chamada fidelidade kardequiana.

A respeito alguém fez a seguinte colocação. O que um livro espírita não deve ser: a) dogmático; b) autoritário; c) estilo arcaico; d) doutrinante; e) repetitivo; f) fora do contexto cultural da atualidade; g) submisso inteiramente às fontes espíritas; h) maniqueísta; i) insincero; j) com título óbvio ou maçante.

Juvanir Borges, então presidente da Federação Espírita Brasileira, por ocasião do 1º Congresso Espírita de Goiás, no ano de 1984, em entrevista coletiva publicada no jornal “Dirigente Espírita”, afirmou: (...) *a base é Allan Kardec, mas não é uma prisão. “O Livro dos Espíritos” é uma síntese de conhecimentos, a obra de Chico Xavier a desdobrou. As obras científicas são mais numerosas, embora se combata o religiosismo brasileiro... podemos ler, mas não significa aceitar tudo o que dizem... proibir não devemos... incidir no velho erro da Igreja Romana.*

No “Jornal Espírita”, junho/1990, Ildelfonso do Espírito Santo escreveu: *Deveríamos fazer umatriagem... não censura... seria desagradável numa Doutrina aberta, democrática... mas é de responsabilidades na maneira de usar o livre-arbítrio.*

Elzio Ferreira de Souza, em sua obra “Espiritismo em Movimento”, à pág. 116, tece pertinentes comentários sobre o que seria uma espécie de índice dos espíritas ou “lista de livros proibidos e permitidos”, critérios/pensamentos de Kardec. E mais adiante, na pág. 143, constata a nossa realidade: *se o livro diverge das ideias formadas... se examina questão por outros ângulos, se põe em dúvida certas certezas... a obra é rejeitada e, às vezes, execrada...*

E reafirma na “Folha Espírita”, agosto/1997, *a Igreja Católica criou o Índice no século XVI e aboliu em 1962. A solução para nós espíritas é melhorar a qualidade crítica do leitor.*

## CURIOSIDADES

Sem nos preocuparmos com qualquer ordem cronológica ou de importância, transcrevemos abaixo algumas informações referentes aos temas que interessam ao Espiritismo, sem necessariamente que façam parte de sua literatura.

- Por exemplo, o leitor sabia que o livro “Encarnação”, do escritor cearense José de Alencar, publicado no ano de 1893, tem por tema a reencarnação e a obsessão?
- No livro “História do Espiritismo”, Arthur Conan Doyle, à pág. 461, faz referência ao livro “Nossa vida depois da morte”, do reverendo Arthur Chambers que teve 120 edições.
- François Brune, no livro “Os mortos nos falam”, na bibliografia fez constar “O Livro dos Espíritos” e trabalhos de Ian Stevenson, mas não nas notas, donde não se pode saber o que ele tirou destas obras.
- No livro “Os animais na obra de Deus”, Geziel Andrade cita, por sua vez, o livro “A vida além do véu”, psicografado pelo reverendo G. Vale Owen, na Inglaterra, transmitido pelo espírito da mãe dele e outros espíritos, ela desencarnada em 1909, aos 63 anos. O livro todo foi escrito entre 23 de setembro e 31 de outubro de 1913. O local foi a mesa da sacristia da própria igreja onde ele atuava. Conan Doyle escreveu a introdução deste livro que foi publicado em 1920.
- Por falar em livros com temática espírita, porém, produzidos fora do Espiritismo, só ao tempo de Kardec poderíamos citar: “O assassinato da Ponte Vermelha” - Charles Barbara; “Spirite” - Théophile Gautier; “A dupla-vista” (folhetim) - Elie Berthet; “A segunda vida” - X. B. Saintine (folhetim, 1864, jornal Mointièur); “Séraphita” - Balzac; “Consuelo”, “Confesse de Rudolfstade” e “Drag” - George Sand; “Histories de L’au-tre monde, recontées par des Espirits” - Sr. de Germonville; “Nouveaux Mystères de Paris” - Aurélien Scholl (1866).
- A “Revista Internacional de Espiritismo”, setembro/2001 recorda o apontamento de Kardec por ocasião do lançamento do livro “O Ignorado amor”, título que substituiu no Brasil ao original (“Spirite”), de Théophile Gautier e que foi o primeiro romance espírita de ator não espírita: *aquele que não estudou a fundo o Espiritismo em suas máximas, tão bem quanto em suas formas materiais, também é incapaz de fazer um romance espírita de algum valor. Para isto é necessário ser espírita fervoroso? Absolutamente...*

Maria Ana de Brito Valim

Fonoaudióloga e Psicopedagoga . CRF 9353/PR

+55 41 99976-4833

maria\_ana\_valim@hotmail.com

Av. Sete de Setembro, n 4214, conj. 203  
80250-210 – Batel

Fonoaudióloga: Mestre em Distúrbios da Comunicação

Disfagia: Parkinson, ELA, TCE (neurológicos)

Linguagem: Adulto nas Afasias e Demências e Infantil: Avaliação e Terapia; Terapia do Processamento Auditivo Central - PAC

Atendimento: Particular - Domiciliar e Consultório

Pedagoga: Especialista em Psicopedagogia

Avaliação e Terapia Psicopedagógica

Orientação Institucional e Familiar.

Atendimento Particular no Consultório.



Frase muito conhecida de Sócrates é que aquela na qual ele admite a sua ignorância ao dizer que *Só sei que nada sei*. Mas há uma outra também atribuída ao filósofo grego que mantém a mesma linha de raciocínio: **Quando você admite a ignorância, você está abrindo a porta da sabedoria.**

O que ele nos coloca aqui, fundamentalmente, são três coisas: a busca pelo autoconhecimento, a necessidade de humildade para admitir a deficiência e o caminho – ou a porta – pela qual se deve adentrar, a partir de então, para adquirir a verdade que liberta.

Nenhuma das três etapas, certamente, é fácil de ser cumprida. A aquisição do autoconhecimento requer um olhar profundo e constante para dentro de si mesmo, despido de qualquer parcialidade ou autojustificação para as falhas que carregamos. E a precariedade de conhecimento, sem dúvida, é uma delas.

A humildade ou abandono da posição de presunção sobre o real estado do espírito – sim, porque o conhecimento faz parte da bagagem do ser imortal e não do corpo transitório – faz-nos ver por inteiro e, de fato, como somos, ou melhor, quem somos no aqui e agora.

O orgulhoso é incapaz de se enxergar como realmente ele é, pois sempre se julga superior, autossuficiente e feliz com aquilo que sabe ou julga saber. Suas verdades não estão em discussão e ele não carece nem de reavaliá-las, muito menos de ampliá-las. O orgulho, a arrogância, faz deste indivíduo um ser refratário à admissão sequer da possibilidade de ser menos do que pensa que é. Imagina saber muito quando na realidade é um cego intelectual.

A terceira etapa não guarda menos dificuldade visto que adquirir sabedoria não se faz da noite para o dia. O fenômeno da reencarnação nos demonstra isso todos os dias. Sabedoria é muito diferente de inteligência. Embora esta também seja uma qualidade a ser desenvolvida pelo espírito humano, ela pode ser empregada para o bem como para o mal.

No atual estágio evolutivo em que nos encontramos, a inteligência tem sido muitas vezes empregada para satisfazer desejos e ambições de cunho exclusivamente material, atendendo, portanto, aos interesses imediatistas, completamente divorciados das necessidades da alma.

No dia em que compreendermos este equívoco de rumo na ação humana, seremos capazes de fazer da inteligência um autêntico instrumento de progresso, sendo a sabedoria, isto é, o domínio de cada vez mais amplo conhecimento, um dos aspectos deste processo. O outro, como sabemos, é o desenvolvimento das nossas faculdades morais.

Útil lembrar que o discernimento nas escolhas que proporciona a realização de atos moralmente corretos adquire-se justamente pela sabedoria. Por isso, os Instrutores da Codificação Espírita revelaram que o desenvolvimento intelectual antecede ao moral. E mais, assim, também, se reafirma o caráter racional da doutrina. Aquilo no que se crê e se pratica é fruto do saber e não da fé cega.

**Nem todos podem ser ilustres; mas todos podem ser bons.** Mais uma vez nos valem da sabedoria do filósofo chinês Confúcio (551 a.C. - 479 a.C.). Grande verdade. Em uma sociedade, particularmente a ocidental, onde somos educados, estimulados e treinados para competir com os outros, compreender que cada um tem um papel diferente a representar, faria diminuir os malefícios decorrentes desta corrida ensandecida por sermos os melhores, os primeiros em tudo.

Queremos dinheiro, fama, poder, beleza, reconhecimento, seguidores nas redes sociais, *likes*, sucesso e conquistas nas mais diversas áreas, ignorando que isso tudo é ilusório, efêmero e fator de atraso em nosso progresso espiritual. Pena que as mentes de milhões de pessoas estejam tão embotadas a ponto de sequer admitir algo que conflite com suas con-

vicções equivocadas.

Deveríamos ter um pouco mais de lucidez para compreender que o vencer os outros a qualquer custo desgasta mais do que o ganho da suposta vitória do presente. Claro que devemos envidar esforços para progredir material, profissional e economicamente, mas que não seja usando de meios inadequados. Não só aqueles que são francamente ilícitos, por exemplo, mas os que de alguma forma podem se transformar em prejuízos pessoais futuros.

Será que vale a pena, às vezes, trabalhar tanto para conquistar bens se com isso comprometemos a nossa saúde ou a estabilidade familiar, se perdemos o amor dos nossos filhos?

Os ilustres, os famosos, ainda que por uma condição natural que a vida os colocou, por mérito ou prova, invejados e imitados, não raro, ocultam graves conflitos íntimos. A posição que ocupam não os isentam de cumprir com outros compromissos de ordem variada assumidos no planejamento reencarnatório e aquilo que é visto como razão de sucesso e felicidade, pode representar um fator de grande desconforto e sofrimento. Não nos deixemos enganar.

Por outro lado, se nem todos conseguem angariar posição de destaque perante o mundo dos homens, a todos é permitido ser bom, honesto, respeitável, exercitar a caridade em alguma de suas diversas formas de manifestação. Agir com correção e bondade não custa nada. A única competição a que o candidato se lança é contra as suas próprias imperfeições, romper os próprios limites, exercitar a sua força de vontade para ser a cada dia melhor, hoje mais do que ontem e amanhã mais do que hoje.

Portanto, mais importante do que vencer os outros, é vencer a si mesmo. Com a vantagem de que esta vitória é definitiva, permanece com o vencedor para toda a sua eternidade proporcionando bem-estar real e duradouro.

Aqui vamos juntar duas afirmações de autores diferentes que confluem para o mesmo ensinamento. A primeira procede do matemático e filósofo francês Pascal (1623-1662). **O melhor livro de moral é a nossa consciência. Temos que consultá-lo muito frequentemente** – disse ele. Em “O Livro dos Espíritos”, o espírito de Santo Agostinho recomenda consultarmos a nossa consciência todas as noites antes de dormir.

Infelizmente, muita gente parece estar com a consciência completamente anestesiada, como se não a possuísse. Sabemos que chegará o dia em que todos, sem exceção, encarnados ou não, em cumprimento às leis divinas de causa e efeito e de progresso, serão despertados deste entorpecimento moral e terão que se defrontar com as ações e consequências de todos os seus atos em todos os tempos e lugares.

Ao se referir que a consciência é o melhor livro de moral, deixa-nos, também, a lição de que não adianta procurar no exterior a solução para problemas que são de natureza absolutamente íntima. Pessoas de fora podem prestar ajuda com observações, conselhos, experiências, mas o trabalho de construção do ser está no interior da alma.

Teorias podem contribuir. As religiões e seus preceitos de boa conduta podem orientar, mas ninguém é capaz de nos substituir na tarefa da autoedificação.

E aí chegamos a Aristóteles quando propõe: **Sê senhor da tua vontade e escravo da tua consciência.** Não delegue aos outros aquilo que é de responsabilidade sua. Ouça a voz da consciência, siga-lhe os impulsos, vergue-se às suas cobranças. Porém, eduque, controle, mantenha firme a sua autonomia, sua capacidade de determinar e fazer. Não somos joguetes do destino nem das circunstâncias que nos cercam. Podemos ser nós próprios, ter opiniões e convicções pessoais e nos guiar pelo que é certo e melhor.



Começamos falando de **ERRO**. Muitas vezes substituímos por equívocos, falhas, enganos. Em outras religiões errar é pecar. Segundo a questão 630 de “O Livro dos Espíritos”, o bem, que é o que devemos praticar, *é tudo aquilo que está conforme a lei de Deus e o mal tudo aquilo que dela se afasta*. Logicamente que os erros, não sendo atitudes boas, nos afastam enquanto os atos certos nos aproximam do Criador.

No atual estágio evolutivo em que nos encontramos ninguém pode se vangloriar de estar imune à prática de erros. E, normalmente, são incontáveis ao longo da vida. Poderíamos dizer que felizes são aquelas pessoas que só acumulam erros leves, triviais, que não provocam maiores consequências.

Entretanto, mesmo estes, é provável que ao auscultar sua consciência em profundidade, terá a lamentar o cometimento, em algum momento, de erros mais significativos. Sem esquecer de que, o conceito de leve, moderado ou grave é bastante relativo e aquilo que ao nosso juízo não teve importância alguma, se observado de fora ou pelos efeitos, até mesmo desconhecidos pelo autor, pode ser qualificado como grave.

Conforme o ditado popular, errar é humano, persistir no erro é burrice. Bem, sem sermos descaridosos com os asnos tomados como animais desprovidos de qualquer inteligência, o fato é que por trás desta frase acabamos por nos defrontar com certa verdade.

Podemos errar por desconhecimento do que seja o certo ou errado, mas a partir do momento que constatamos o desacerto medido pelas consequências negativas que o ato gerou, insistir no erro demonstra uma clara incapacidade de perspicácia para evitar a sua repetição e, em decorrência, continuar sofrendo.

Infelizmente, é o que mais fazemos. Nossas fraquezas de vontade levam-nos a muitas quedas nos mesmos pontos, nas mesmas coisas. É um ciclo que atrasa e infelicita. E isso não ocorre só de uma reencarnação para outra, mas no curso da atual podemos verificar processo semelhante.

Mas chegará o dia em que, finalmente, compreenderemos que negligenciar a mudança de comportamento para diminuir os erros e aumentar os acertos é uma necessidade imposta pela lei do progresso e que este ajuste de conduta é o caminho da perfeição e da felicidade.

## ESCÂNDALOS

Antes de visitarmos os evangelhos para extrairmos de lá os conteúdos lecionados pelo Mestre Jesus, vamos partir de uma pergunta: “É lícito, é bom, é necessário, por exemplo, que a imprensa dê a conhecer à sociedade as ocorrências de corrupção que ocorrem em qualquer país?”

Pensamos que qualquer indivíduo mediamente instruído não hesitará em responder afirmativamente. Como essa divulgação deve ser feita, oportunidade, momento, cabe aos profissionais da área determinarem de acordo com o norteamto ético esperado.

As falcatruas, os desvios de recursos públicos, os crimes praticados no setor público podem e devem ser denunciados. Diferente da exploração exagerada de fatos particulares que não interferem na vida de outras pessoas.

Silenciar diante dos erros alheios - já que vínhamos falando neles, os erros, no item anterior – pode ser indício de caridade, respeito, comiseração, tolerância. Contudo, se isto afeta terceiros, o problema muda de figura. Estaremos adentrando ao terreno da indiferença, da omissão, da covardia.

A pretexto de não queremos propagar maledicências, escandalizar, na verdade, estaremos faltando com o dever de revelar atos que extrapolam à privacidade dos agentes ativos de práticas prejudiciais à coletividade.

Entendemos, portanto, que o alerta do Cristo só se aplica quando a revelação de uma ação visa tão-somente provocar alvoroço, acusações, condenações. Esse tipo de atitude deve ser evitado porque nada constrói, de nada serve, apenas fomenta as discórdias, os ódios.

Segundo o “Evangelho Segundo o Espiritismo”, escândalos são todas as manifestações do mal para as quais, a cada uma delas, será acionada a lei de justiça através da dinâmica de causas e efeitos, fazendo com que cada agente responda pelas consequências de seus atos. Mas, aquele que serve como instrumento deste reajuste do primeiro, por sua vez, não estará isento de responsabilidade.

Neste caso, não se trata apenas de revelar os erros alheios, mas de ser o intermédio de expiação ao primeiro infrator. E isso se dá por conta das imperfeições próprias do segundo envolvido que fere, contudo, assumindo para si, também, a necessidade de se reajustar perante as leis divinas.

Claro, se ninguém apresentasse imperfeições que atingissem o infrator inicial, Deus contaria – e conta - com outros meios para impor a justiça ao devedor.

## FUTURO

O futuro é um tempo que nunca chega. Quando projetamos algo para acontecer no dia de amanhã, ele ainda não veio e quando este outro dia se torna realidade, ele se concretiza no presente.

Muita gente diz que devemos planejar o futuro, quer do ponto de vista da segurança material, aposentadoria, saúde, quer pensando em termos espirituais, aquilo que sucederá à transferência do nosso espírito para a outra dimensão da vida.

Outras tantas pessoas recomendam aproveitar o presente. E essa sugestão de modo de viver não se restringe aos que pretendem somente usufruir dos gozos da vida carnal por não acreditar em uma vida futura ou simplesmente ser indiferente a essa ideia.

Mesmo entre os que se preocupam com a vida pós-morte, pessoas comuns ou gurus de autoajuda, psicólogos, muitos orientam para vivermos bem o dia de hoje, em parte pela incerteza do que pode vir, um futuro de surpresas nem sempre agradáveis e, também, pela necessidade de preenchermos bem as experiências de agora, vivenciar os pequenos momentos felizes que se nos oferecem e para os quais nem sempre estamos atentos, muitas vezes nos escapando pelos dedos.

Mas, então, como ficamos? Qual a melhor filosofia de vida: aproveitar o presente ou dedicar-se apenas à construção do futuro? Claro que devemos estabelecer prioridades e, neste caso, prioritário é sempre a vida do espírito imortal. É nele que devemos investir os nossos melhores esforços. O presente aqui na Terra é passageiro e se não trabalharmos pelo nosso aperfeiçoamento intelectual e moral – o que implica, muitas vezes, em esforços e sacrifícios – no tal futuro transmutado em presente, poderemos nos sentir carentes de paz e bem-estar.

Porém, a ninguém está vedado ser legitimamente feliz enquanto em trânsito pela jornada terrestre. Desde que não seja uma felicidade construída às expensas do bem e direitos de ninguém, Deus não a proíbe nem impõe pedágio ou quarentena para suas criaturas atingirem um estado de regozijo.

Podemos aproveitar tudo o que a vida material nos dá, com parcimônia e dignidade, compartilhando com os irmãos de caminhada o que for possível e sempre com os olhos lá na frente quando nossos interesses certamente serão de outra ordem.



## Os efeitos da religiosidade nos cientistas durante a Covid-19

Um estudo divulgado na revista *Zigon*, edição de dezembro de 2023, trouxe informações sobre os efeitos da religiosidade sobre os cientistas durante a Covid-19. O trabalho incluiu quatro pesquisadores de diferentes universidades americanas e europeias que entrevistaram 3.442 físicos e biólogos de instituições nos Estados Unidos, Reino Unido, Índia e Itália entre maio e setembro de 2021.

O interesse é maior porque já há muitos estudos relacionados aos efeitos da espiritualidade entre os religiosos ou pessoas em geral, mas muito poucos especificamente em cientistas que vivem em ambiente menos religioso ou até hostil.

Normalmente, cientistas que professam algum tipo de fé têm que esconder suas convicções, sob risco de suas reputações ficarem comprometidas.

A escolha dos países não foi casual: Estados Unidos e Reino Unido vivem em conflito mais aberto entre ciência e religião e na Índia e Itália há um clima mais conciliatório. E as áreas da biologia e da física foram as escolhidas porque são nelas que há os maiores embates entre evolucionismo (Darwin) e criacionismo defendido pelas religiões.

Os cientistas foram classificados não só por sua filiação religiosa, mas pelo nível de importância que cada um deles dava para este aspecto da vida humana.

Assim, foram formados quatro grupos, a saber: os “religiosos e espirituais”, os “espirituais, mas não religiosos” (os que não têm filiação religiosa, mas que buscam uma transcendência e adotam práticas como meditação), os “religiosos, mas não espirituais” (que, segundo o estudo, “mantêm a filiação religiosa como marcador social”, mas não cultivam a espiritualidade, beneficiando-se do aspecto social da religião), e os que não são uma coisa nem outra – este último grupo constituiu 55% dos entrevistados.

Na primeira inquirição o objetivo era descobrir se a importância que alguém dá à religião é diretamente proporcional ao seu bem-estar. Na segunda, se a importância que alguém dá à religião é inversamente proporcional ao estresse/desconforto psicológico. A terceira queria apurar se as pessoas que são “religiosas e espirituais”, “espirituais, mas não religiosas” e “religiosas, mas não espirituais” têm índices de bem-estar maiores que pessoas não religiosas, nem espirituais. Por fim, na quarta sondagem, se as pessoas que são “religiosas e espirituais”, “espirituais, mas não religiosas” e “religiosas, mas não espirituais” têm índices de estresse/desconforto psicológico menores que pessoas não religiosas, nem espirituais.

Os resultados validaram as hipóteses primeira, terceira e quarta, mas não a segunda. Embora, diante da nossa modesta interpretação, perceba-se certa contradição entre a conclusão da segunda com a da quarta hipótese e a dificuldade para passar aqui as conclusões nas escalas com que os números foram tabulados, ficou patenteado claramente que o fator religião/espiritualidade, quando presente, ajudou os cientistas a ter maior bem-estar e diminuição do estresse durante a pandemia.

Cientistas católicos e hindus se destacaram, registrando índices de bem-estar e estresse significativamente maiores e menores, respectivamente, em comparação com outros grupos.

Os pesquisadores, também, não descartam a possibilidade de a pandemia ter levado as pessoas em geral – inclusos os cientistas – a buscar na religião ou na espiritualidade uma forma de lidar com toda a ansiedade decorrente da Covid-19.

Fonte: *Gazeta do Povo*, 10/02/2024.

## Tristeza profunda leva holandesa à eutanásia

A Doutrina Espírita posiciona-se desfavoravelmente à antecipação da morte por entender que não só a vida é um patrimônio disponibilizado aos seres humanos por Deus, mas em virtude dos prejuízos que esse ato pode causar ao espírito encarnado naquele corpo. Não se trata, pois, somente de razões morais, porém de motivos práticos que afetam a trajetória evolutiva do espírito.

Lemos, ouvimos e debatemos situações em que a pessoa solicita ou a família faz por ela ou, ainda, médicos, amparados pela legislação de seus países, sugerem o desligamento de aparelhos ou a aplicação de fármacos, em casos comatosos, estados vegetativos, irreversibilidade de quadros terminais ou de indivíduos assediados por grande sofrimento, vítimas de enfermidades extremamente incapacitantes. Mas e solicitar para morrer por tristeza?

*Uma holandesa de 28 anos decidiu que morreria no mês de maio. Ela não tinha um câncer terminal, não sofria de doenças neurodegenerativas, mas estava deprimida, triste a ponto de morrer e decidiu que o faria em maio.*

Esta foi a frase com a qual se iniciou um artigo do jornal “Gazeta do Povo” do dia 18 de abril passado. Só para se ter uma ideia da situação, Zoraya ter Beek sofria de depressão, com traços de autismo e transtorno de personalidade limítrofe, entretanto estava apaixonada pelo namorado, vivia em uma bela casa e tinha dois gatos.

Em entrevista a *Free Press* ela disse que a gota d’água foi quando o psiquiatra que tratava dela disse: “não há mais nada que possamos fazer por você. Você nunca vai melhorar”.

Ela contou como seria o procedimento, em casa, sentada no sofá, uma xícara de café, o acompanhamento de uma médica, a confirmação final do desejo, um ritual de pretensa suavidade e a classificação do autor do artigo, Tommaso Sacndroglio, escritor e professor universitário: “É um assassinato!”, diz ele. Nós diríamos que é um suicídio induzido.

“Tenho um pouco de medo de morrer – disse ela - porque é a última incógnita. Não sabemos realmente o que vai acontecer depois, ou será que não há nada? Essa é a parte que me assusta”.

Aqui no Brasil, a eutanásia é ilegal, porém, sabemos que, frequentemente, médicos, pacientes e familiares se veem com os dilemas envolvendo o desligamento dos aparelhos, pedidos para doação de órgãos etc.

No artigo o autor fala sobre o argumento usado por alguns psicólogos católicos que se dirigem a um suicida em potencial, lançando-lhes a pergunta: *E se a Igreja estiver certa quando diz que tirar a própria vida pode ser um pecado mortal que leva ao inferno? Nesse caso, você se mataria para parar de sofrer, mas obteria o efeito oposto, pode ir do inferno para um inferno muito pior que nunca terá fim.* Ele diz: “esse discursinho provou ser um bom dissuasor”, isto é, foi capaz de fazer pessoas mudarem de ideia e desistir da ideia de autodestruição.

A eutanásia tem crescido na Holanda nas últimas duas décadas. Mais de 9.000 holandeses escolheram-na em 2023, relata o *El País*, e representaram mais de 5% de todas as mortes no país no ano.

O Canadá em 2016 legalizou o suicídio assistido para aqueles com doenças terminais e depois para os com uma “condição médica grave e irreversível” experimenta agora uma tendência ascendente semelhante. Mais de 13.000 canadenses morreram por suicídio assistido em 2022, aumento de 31% em relação aos números de 2021.

Infelizmente, para quem torce pela vida, a notícia não é boa: Zoraya ter Beek conseguiu seu intento e morreu em 21 de maio.